

**ELVIRA RODRIGUES DE BRITO**

**A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE  
ÉTICA COMO INSTRUMENTO DE  
NÃO-VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO:  
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**SÃO PAULO - 2010**

**ELVIRA RODRIGUES DE BRITO**

**A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE  
ÉTICA COMO INSTRUMENTO DE  
NÃO-VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO:  
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA O PENSAR da Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Sonia Aparecida Ignacio Silva.

**SÃO PAULO - 2010**

## AGRADECIMENTOS

- A Deus: “Eis que o temor do Senhor é a sabedoria e apartar-se do mal é a inteligência”. Jó 28: 28 (Bíblia)
- À minha família, especialmente aos meus irmãos, Olímpio Rodrigues de Brito Filho e Marisa Rodrigues Brito, protagonistas desta história de sonhos, lutas e vitórias.
- À Equipe do Colégio Gandhi, aos pais e alunos que sempre confiaram no nosso trabalho.
- Aos meus grandes amigos de longa jornada, Alessandra Alves da Silva, Luciana Sgai Dutra, Marcelo Dutra, Fábio Martelozzo Mendes, Isabel Cristina Coltrato, Maria Alzira Dutra Garcia e Jamil Alves Garcia.
- À minha amiga “gêmea” Ana Cláudia Gonçalves Brant da Silva Carvalho – colega de classe na PUC, por rir das minhas piadas, pela paciência, companheirismo e incentivo para o desenvolvimento deste trabalho.
- À minha orientadora Profa. Dra. Sonia Aparecida Ignacio Silva, por sua competência, compreensão e por acreditar em meu trabalho, levando-o à sua conclusão, apesar das dificuldades que enfrentei com o encerramento das atividades do colégio.
- A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram com o desenvolvimento do trabalho do colégio e que, se citados aqui, acrescentaria uma enorme lista de importantes pessoas sem as quais nosso sucesso seria impossível.
- À Associação Palas Athena, na pessoa da Co-fundadora Lia Diskin pelo reconhecimento do pioneirismo do trabalho do Colégio Gandhi e do ineditismo do “Projeto Gandhinho de Cidadania”.
- Ao meu amado esposo Prof. Dr. Eliezer Ladeia Gomes, por acreditar em mim, mesmo quando eu já havia desistido.

*“A todos os que oraram, rezaram, clamaram e intercederam por mim nestes momentos de superação”.*

*Nós devemos ser a mudança que  
queremos ver no mundo*

*(Mahatma Gandhi)*

## RESUMO

BRITO, Elvira Rodrigues de. *A constituição da profissionalidade ética como instrumento de não-violência na educação: relato de uma experiência*. São Paulo, PUC-SP, 2010. Monografia de Curso de Especialização em Fundamentos de uma Educação para o Pensar.

Nas últimas décadas contemplamos, paralelamente, a deterioração dos valores universais e o crescimento da violência no ambiente escolar. A animosidade permeia as relações interpessoais e muitas vezes vemos os protagonistas do processo educacional em campos opostos, impossibilitando quaisquer tentativas de um relacionamento significativo. O princípio da não-violência implica a exigência de procurar novas formas não-violentas de agir eficazmente contra a violência, que podem variar em sucesso. Mais do que tentar conter a onda de violência que se espalha nas escolas, a não-violência visa esgotar a violência na fonte, através de uma mudança de atitude ética. O interesse pelo desenvolvimento deste tema surgiu da reflexão sobre a prática docente no decorrer da atuação ao longo de trinta anos de atividade da autora nas mais diversificadas nuances do universo educacional. Existe uma dificuldade, tanto nas instituições públicas quanto nas particulares, de se encontrar o perfil do docente idealizado e isto muitas vezes é consequência de sua formação fragmentada nas instituições de ensino superior. Frequentemente desconsidera-se o docente como um ser em sua plenitude, com todos os seus aspectos afetivos, cognitivos, **éticos**, morais e políticos. Consideramos que sua história e seu repertório de vida permeiam suas interações com o ambiente em que se processa a educação. Tais considerações justificam uma reflexão crítica sobre questões éticas que permeiam a práxis pedagógica. O trabalho se inicia com uma breve consideração histórica a respeito da ética, para, a seguir, por em debate uma experiência pedagógica que desde o início, até a conclusão – ainda que provisória –, buscou ser um exercício concreto da não violência na escola. Os resultados desta pesquisa apontam para a possibilidade de viabilização da proposta aqui analisada, especialmente pelo fato de que o término dessa experiência resultou na proposição de novos projetos, que evidenciem que a não-violência é o oposto da inação e requer que cada um defenda com energia os seus direitos e os dos outros nos inevitáveis conflitos que a vida em sociedade engendra. Considera-se, portanto, que a não-violência se apresenta como o único caminho que garante a convivência pacífica e a justiça entre todos nós, podendo e devendo ser sempre ensinada aos educando na escola.

**Palavras chave:** ética; não-violência na educação; formação docente.

# Sumário

Introdução _____	07
Capítulo 1	
Breve Introdução Histórica sobre a Ética _____	10
Capítulo 2	
Relato de Uma Experiência – A Escola _____	22
2.1 – Fundação _____	22
2.2 – Organização e Funcionamento _____	27
2.3 – Consolidação _____	44
Capítulo 3	
O Fim _____	47
3.1 – Encerramento das Atividades _____	47
3.2 – Novos Projetos _____	52
Considerações Finais _____	58
Referências _____	64
Anexos _____	67

# Introdução

A observação da relação entre ética e a não-violência foi realizada no Colégio Mahatma Gandhi. Fundado em 1983 no bairro da Freguesia do Ó – São Paulo – SP. E fundamentado na filosofia da não-violência, eternizada na figura do pacifista indiano Mohandas Karamchand Gandhi.

Através da experiência aqui analisada foi possível constatar de que forma esses princípios filosófico-educacionais podem sair do papel e impregnar o cotidiano do ambiente escolar. Por exemplo, através da consideração dos seguintes componentes éticos e procurando pautar a vida da escola a partir deles:

- *Ética solidária: promoção da arte do convívio.*
- *Cidadania Responsável: participação na gestão do bem comum e do espaço público.*
- *Não-Violência Ativa: cultivo de ações e atitudes pacíficas em todas as dimensões da vida.*
- *Simplicidade Voluntária: busca evitar o supérfluo e o desperdício, fazer circular o estagnado, reciclar coisas e idéias, minimizar o consumo irresponsável.*

Sendo assim, esta pesquisa considerou basicamente as seguintes questões, como norteadoras de nosso processo de investigação:

1ª indagação: De que maneira os princípios éticos se fazem presentes no cotidiano educacional?

2ª indagação: Qual a relação entre a filosofia de vida de uma pessoa – seus aspectos psicossociais e a filosofia da instituição educacional na qual ela pretende trabalhar?

[...] eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvelam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o **eu** profissional do **eu** pessoal. (CASTANHO, 2001 *apud* NÓVOA, 1995, p. 17).

Curiosamente, quando se pesquisa a respeito do profissional ético, descobre-se que este é o perfil do profissional para o terceiro milênio, não só em uma instituição de ensino verdadeiramente comprometida com a ética, mas também nas empresas em geral.

A importância deste estudo é justificada pelas seguintes razões: a comprovada deterioração dos valores éticos no ambiente escolar; a falta de embasamento teórico para relacionar ética e não-violência neste ambiente e a possibilidade da atuação correta do professor dentro deste contexto nas relações interpessoais.

A aplicação da não-violência na educação implica trabalhar pelo abandono do conformismo e do pessimismo. Significa cultivar valores que são o sustentáculo do comprometimento com princípios como o respeito à diversidade, à interdependência, à justiça e ao amor ao próximo.

A constituição da profissionalidade ética, ora na dimensão subjetiva, ora na dimensão sócio-cultural, pressupõe a constituição de uma identidade profissional que prioriza e privilegia os valores do docente e não prevê uma maior importância hierárquica entre as outras especificidades profissionais docentes, tais como conhecimentos, comportamentos, habilidades e atitudes.

A formação docente segundo valores universais é a base da cidadania, pois possibilita ao educador respeitar a si mesmo e respeitar os

educandos, em qualquer nível de ensino, com suas diferenças raciais, religiosas e culturais.

Não-violência na educação significa enfrentar o mal pela raiz, exige um aprofundamento das causas que geram a violação dos direitos humanos. Implica também a compreensão dos mecanismos geradores das injustiças sociais, pelas quais temos todos uma parcela maior ou menor de responsabilidade.

Construir a cidadania no ambiente educacional significa educar para os valores universais com que gostaríamos de planejar nosso futuro e encantar o mundo. Implica também, rever a escola por meio de uma nova vivência do espaço educativo, das relações entre educadores e alunos, das influências do meio escolar na comunidade local e das responsabilidades individuais e coletivas e no amor ao conhecimento. Tudo isso de um ponto de vista não meramente acadêmico, mas compreendido como um processo integral de transformação de valores éticos e atitudes.

Trabalhar para a constituição da profissionalidade ética na formação docente requer considerar suas verdadeiras motivações interiores, sonhos, potenciais e anseios, para fazer com que ele tenha a consciência de que a escola é sua, de que cada um deve fazer sua parte segundo suas potencialidades, para o funcionamento de sua escola. A relação entre a ética profissional e diminuição da violência no cotidiano escolar pode ser melhor compreendida através do filósofo francês Jean-Marie Muller que se aprofunda em Mohandas Gandhi e ilustra com clareza as razões filosóficas para a firme recusa da ideologia da violência necessária, legítima e honrosa.

Não-violência é o oposto da inação e requer que cada um defenda com energia os seus direitos e os dos outros nos inevitáveis conflitos que a vida em sociedade engendra. Diferentemente da visão enevoada que se costuma passar do conceito, a não-violência se apresenta como o único caminho que garante a convivência pacífica e a justiça entre todos nós, podendo e devendo ser sempre ensinada aos educando na escola.

# Capítulo 1

## Breve Introdução Histórica sobre a Ética

### A ética e as relações humanas

Ética é uma área da Filosofia que estuda os valores morais. Reflete sobre o bem e o mal, o que é certo ou errado, e procura responder, por exemplo, se os fins justificam os meios ou os meios justificam os fins.

A partir de Sócrates (469 a.C.–399 a.C.), a Filosofia, que antes estudava a natureza, passa a se ocupar de problemas relativos ao valor da vida, ou seja, das virtudes. O primeiro a organizar essas questões é o filósofo grego Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.). Em sua obra (Ética a Nicômaco) entre outros pontos, destacam-se os estudos da relação entre a ética individual e a social, e entre a vida teórica e a prática. Ele também classifica as virtudes. A justiça, a amizade e os valores morais derivam dos costumes e servem para promover a ordem política. A sabedoria e a prudência estão vinculadas à inteligência ou à razão.

Na Idade Média predomina a ética cristã, baseada no amor ao próximo, que incorpora as noções gregas de que a felicidade é um objetivo do homem e a prática do bem constitui um meio de atingi-la. Os filósofos cristãos partem do pressuposto de que a natureza humana tem um destino predeterminado e de que Deus é o princípio da felicidade e da virtude.

Entre a Idade Média e a modernidade, o italiano Nicolau Maquiavel (1469–1527) apresenta-se como o “Colombo do novo mundo moral” e provoca uma revolução na ética. Nega as concepções grega e cristã de virtude e busca seu modelo moral na virilidade dos antigos romanos. Para ele, a ética cristã é

“efeminada”. Maquiavel influencia o inglês Thomas Hobbes (1558 –1679) e o holandês Benedito Spinoza (1632-1677), pensadores modernos extremamente realistas no que se refere à ética.

Nos séculos XVIII e XIX, o francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e os alemães Emmanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Hegel (1770-1831) são os principais filósofos que discutem ética. Segundo Rousseau (idem), o homem é bom por natureza e seu espírito pode sofrer um aprimoramento quase ilimitado. Para Kant (idem), ética é a obrigação de agir segundo regras universais com as quais todos concordam. O reconhecimento dos outros é o principal motivador da conduta individual.

Hegel (idem) transforma a ética em uma Filosofia do Direito. Ele a divide em ética subjetiva ou pessoal, e ética objetiva, ou social. A primeira é uma consciência de dever e a segunda é formada pelos costumes, leis e normas de uma sociedade. O Estado, para Hegel, reúne esses dois aspectos numa “totalidade ética”.

Na filosofia contemporânea, os princípios do liberalismo influenciam o conceito de ética, que ganha traços de moral utilitária. Os indivíduos devem buscar a felicidade e, para isso, fazer as melhores escolhas entre as alternativas existentes. Para o filósofo inglês Bertrand Russel (1872-1970), a ética é subjetiva. Não contém afirmações verdadeiras ou falsas. É a expressão dos desejos de um grupo. Mas Russel (idem) diz que o homem deve reprimir certos desejos e reforçar outros se pretende atingir a felicidade ou o equilíbrio.

Os grandes filósofos nos legaram, sobretudo, um conjunto de questões a serem retomadas e um instrumental teórico e conceitual para rediscuti-las. Nossa tarefa é seguir esses caminhos, buscando um conjunto de questões a serem retomadas e um instrumental teórico e conceitual para rediscuti-las. Nossa tarefa é seguir esses caminhos, buscando, ao mesmo tempo, novos caminhos.

A leitura histórica da tradição nos mostra que os grandes filósofos

deixaram sua marca e influenciaram o desenvolvimento da filosofia na medida em que tiveram idéias originais, foram criativos, abrindo novas possibilidades para o pensamento, mas também na medida em que tiveram bons leitores, isto é, seguidores e discípulos que souberam, inclusive criticamente, interpretar seu pensamento, tomá-los como ponto de partida para novos desenvolvimentos e encontrar dimensões e novas aplicações de suas obras.

## A ÉTICA HOJE

Logo no início de seu difícil livro **Mínima Moralia** (1951), Theodor Adorno (1903-1969) chama a atenção para o fato de que hoje a ética foi reduzida a algo privado. Já o jovem Marx, no início dos anos 40 do século passado, observava o mesmo a respeito da religião. Ora, nos tempos da grande filosofia, a justiça e todas as demais virtudes éticas referiam-se ao universal (no caso, ao povo ou à polis), eram virtudes políticas, sociais. Numa formulação de grande filosofia, poderíamos dizer que o lema máximo da ética é o **bem comum**. E se hoje a ética ficou reduzida ao particular, ao privado, isto é um mau sinal.

Um mérito definitivo do pensamento de Kant (Crítica da Razão Pura – 1781) é ter colocado a consciência moral do indivíduo no centro de toda a preocupação moral. Afinal de contas, o dever ético apela sempre para o indivíduo, ainda que este nunca possa ser considerado uma espécie de Robinson Crusoe, como se vivesse sozinho no mundo.

Procurando superar o ponto de vista kantiano, que se chama moralista, Hegel (Fenomenologia do Espírito – 1807) insistiu numa outra esfera que chamou de esfera da **eticidade** ou da **vida ética**. Nesta esfera, a liberdade se realiza eticamente dentro das instituições históricas e sociais, tais como a família, a sociedade civil e o Estado. Hegel (Filosofia do Direito - 1820) não teme afirmar que o Estado é a realidade efetiva da idéia ética. Não há dúvidas que a exposição de Hegel tem pelo menos o mérito de localizar onde encontram os problemas éticos.

Assim, hoje em dia, os grandes problemas éticos se encontram nestes três momentos de eticidade (família, sociedade civil e Estado), e uma ética concreta não pode ignorá-los.

**1. Em relação à família**, hoje se colocam de maneira muito aguda as questões éticas do amor. O amor não tem de ser livre? O que dizer então da noção tradicional do amor livre? Ele é realmente livre? E como definir, hoje, o que seja a verdadeira fidelidade, sem identificá-la com formas criticáveis de possessividade masculina ou feminina? Como fundamentar, a partir dos progressos das ciências humanas os compromissos do amor, como se expressam na resolução (no sim) matrimonial? E como desenvolver uma nova ética para as novas formas de relacionamento heterossexual? E como fundamentar hoje as preferências por formas de vida celibatária, casta ou homossexual?

As transformações histórico-sociais exigem hoje igualmente reformulações nas doutrinas tradicionais éticas sobre o relacionamento dos pais com os filhos. Novos problemas surgiram com a presença maior da escola e dos meios de comunicação na vida diária dos filhos. As figuras tradicionais, paterna e materna, não exigem hoje uma nova reflexão sobre os direitos e os deveres dos pais e dos filhos?

Em especial, a reflexão sobre a dominação das chamadas minorias sociais chamou a atenção para a necessidade de novas formas de relacionamento dentro do próprio casal. O feminismo, ou a luta pela libertação da mulher, traz em si exigências éticas, que até agora ainda não encontraram talvez as formulações adequadas, justas e fortes. A libertação da mulher, como a libertação de todos os grupos oprimidos é uma exigência ética, das mais atuais. E, como lembraria Paulo Freire (1921-1997), em seu *Pedagogia do Oprimido* (1969), a libertação não se dá pela simples troca de papéis: a libertação da mulher liberta igualmente o homem.

**2. Em relação à sociedade civil**, que para Hegel também significaria a forma histórica da sociedade burguesa, os problemas atuais continuam os mais

urgentes: referem-se ao trabalho e à propriedade. Como falar de ética num país onde a propriedade é um privilégio tão exclusivo de poucos? E não é um problema ético a própria falta de trabalho, o desemprego, para não falar das formas escravizadoras de trabalho, com salários de fome, nem da dificuldade de uma auto-realização no trabalho, quando a maioria não recebe as condições mínimas de preparação para ele, e depois não encontram, no sistema capitalista, as mínimas oportunidades para um trabalho criativo e gratificante? Num país de analfabetos, falar de ética é sempre pensar em revolucionar toda a situação vigente.

Assim, se é verdade que as grandes reformas de que nosso país necessita não são questões apenas éticas, mas também políticas, o inverso não é menos verdade: não são só políticas, são questões éticas que desafiam o nosso sentido ético.

A ética contemporânea aprendeu a preocupar-se, ao contrário das tendências privatistas da moral, com o julgamento do sistema econômico como um todo. O bem e o mal não existem apenas nas consciências individuais, mas também nas próprias estruturas institucionalizadas de um sistema. Antigos compêndios de moral, de inspiração católica, ainda afirmavam, há cinquenta anos, por exemplo, que o socialismo seria intrinsecamente mau, enquanto o capitalismo permitiria corrigir os seus erros eventuais. Hoje dificilmente qualquer pensador sobre o tema “ética” teria a coragem de fazer uma afirmação desse tipo.

Por outro lado, as experiências socialistas destes últimos anos ensinaram os teóricos de esquerda a revalorizar a importância que a propriedade tem para a auto-realização humana. A crítica atual insiste muito mais, agora, sobre a injustiça que reside no fato de só alguns possuírem os meios da riqueza, e a crítica à propriedade se reduz sempre mais apenas aos meios de produção, enquanto pensadores do século XIX ainda que “toda a propriedade é um roubo” (Proudhon – 1840). A propriedade particular aparece agora, nas doutrinas éticas, principalmente como uma forma de extensão da personalidade humana, como

extensão do seu corpo, como forma de aumentar a sua segurança pessoal, e de afirmar a sua autodeterminação sobre as coisas do mundo.

**3. Em relação ao Estado**, os problemas éticos são muito ricos e complexos. A ética política revisou, entre outros, os ideais de um cosmopolitismo indeterminado de um Kant (1724-1804), e soube reconhecer as análises de um Hegel a respeito do significado da nacionalidade e da organização estatal como o ápice do edifício da liberdade. A liberdade do indivíduo só se completa como liberdade do cidadão de um Estado livre e de direito. As leis, a Constituição, as declarações de direitos, a definição dos poderes, a divisão destes poderes para evitar abusos, e a própria prática das eleições periódicas aparecem hoje como questões éticas fundamentais. Ninguém é livre, numa ditadura; a velha lição de Hegel se confirmou até os nossos dias.

O que foi questionado da doutrina hegeliana, e até hoje constitui um problema sério, é a verdadeira função, na prática, do Estado. Os Estados que existem de fato constituem a instância do interesse comum universal, acima das classes e dos interesses egoístas privados e de pequenos grupos. Ou são de fato aparelhos conquistados por estes grupos, por uma classe dominante, que conquista o Estado para usar dele como seu instrumento de hegemonia, para a dominação e a exploração dos desprivilegiados? Em outras palavras, o Estado real resolve o problema das classes, ou serve a um dos lados, na luta de classes?

A luta e a exploração assumiram em nosso século formas muito mais sutis. A exploração se deslocou, muitas vezes, para formas de neocolonialismo, de tal maneira que em certos casos, patrões e operários de países desenvolvidos podem perfeitamente ter os mesmos interesses, para o prejuízo dos povos da periferia. Assim como no nível microeconômico a exploração deixou de ser diretamente política, para passar pela sutil mediação da exploração econômica, regulamentada até numa legislação trabalhista, assim também a chamada parceria entre nações em termos econômicos apresenta hoje aspectos gritantes, para uma reflexão ética.

Também inquietam ao extremo a consciência ética atual das formas políticas ditatoriais, totalitárias, autoritárias ou, eufemisticamente, militares que se tornaram tão familiares aos homens do final do século XX. O cinismo dos poderosos hoje é muito mais explícito do que o dos gregos. As relações internacionais baseiam-se hoje em que? Na justiça ou na força? Uma justiça entre as nações ou os Estados é conceito que até o momento ainda não se desenvolveu nem se firmou, nem nas consciências, nem na prática política.

Muitos filósofos das últimas décadas se dedicaram a estudar e denunciar o problema relativamente moderno que recebeu o nome de massificação. É claro que isto, na boca de muitos, pode muito bem ser sintoma de pensamento aristocrático ou elitista. Mas, quando é tratado objetivamente, o problema da massificação se refere a formas de relações sociais onde o indivíduo se perde e se desvaloriza (e se sente objetivamente desvalorizado). Nas fábricas, nas praças diante do demagogo ou sentados em casa ante um aparelho de televisão durante horas a fio, os homens de hoje vão sendo reduzidos cada vez mais a funções simplesmente passivas, vão despreendendo a arte de falar e de se expressar, vão perdendo sua voz e sua vez.

Pensadores como J. Habermas (1929-) descrevem o problema da despolitização das massas, do desaparecimento ou da dominação do espaço público e, enquanto descrevem as características típicas das formas do espaço burguês, sugerem formas de criação de um novo espaço, um espaço proletário. O espaço, mesmo o espaço físico, é também uma das condições do exercício concreto da liberdade. Assim (como num retorno à Grécia antiga), um problema físico entra de novo no coração da preocupação ética. Para que o homem seja livre, ele precisa do seu espaço interior, de sua casa, de seu salão, de sua praça, de sua terra. Assim, o rádio, a televisão, pode ser muito mais ditatorial que o telefone, o qual, como as antigas cartas, possui uma forma mais dialogal. Isto não significa que os meios de comunicação, não possam ser postos a serviço da democracia, nem mesmo que eles, em si, não tenham elementos democráticos, na medida em que a informação também é uma forma de poder e, como tal, se bem distribuído, de favorecer as relações éticas entre os homens. Mas valeria a

pena analisar a lógica e a sintaxe da comunicação que aparecem, por exemplo, nos noticiários atuais. Tudo é ligado pela lógica simples do **e**, da adição pura e simples: “o presidente visitou Os Estados Unidos **e** os negros são mortos na África do Sul **e** o real se desvalorizou **e** em Israel os conflitos com os palestinos matam centenas **e** o arsenal bélico russo está sendo contrabandeando **e** a polícia descobre mais um escândalo financeiro...”. Se este tipo de comunicação não favorece subliminarmente um cinismo indiferente a qualquer julgamento moral, certamente não favorece o despertar de uma consciência eticamente mais crítica. No mínimo, reforça a indiferença e o sentimento de impotência no espectador. E este sentimento de impotência diante do sistema da realidade é o aspecto negativo que anula, em grande parte as vantagens do poder de dispor de informações.

“Saber é poder”, dizia o grande iluminista Francis Bacon (1561-1626). Mas pensadores atuais, como Adorno (1903-1969) e Horkheimer (1895-1973), mostram que existe uma maldosa dialética neste iluminismo de tal maneira que muitos dos melhores ideais iluministas foram traídos, colaborando esse grande movimento da idade Moderna muito mais para o mal-estar em que vivemos hoje do que jamais os grandes filósofos modernos poderiam suspeitar. Mesmo assim, parece importante hoje, como sempre, buscar o antídoto no próprio veneno. E se o maior dos iluministas foi Kant (1724-1804), não deixa de ser espantoso verificar, estudando-o, o quanto ele, entre outros grandes pensadores acima enunciados, nos pode ajudar a assumir a nossa vida de maneira mais ética, e, neste sentido, mais livre e mais humana.

## **A IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO ÉTICO**

O homem vive em sociedade, convive com outros homens e, portanto, cabe-lhe pensar e refletir sobre a questão de como deve agir perante os outros.

A atual temporada de escândalos políticos bombásticos no Brasil suscita, em boa parte da população, uma atitude de pessimismo e desencanto muito centrada no caráter nacional.

A importância da ética permeia discussões em todos os setores nacionais. Há quem acredite, sinceramente, que estamos liderando o “ranking” mundial de improbidade administrativa, da corrupção ativa e passiva, da ilegalidade escancarada e cínica, da decomposição do aparelho de segurança pública, das relações vergonhosas entre as autoridades e agentes da repressão e os criminosos (organizados ou não) de todos os feitios, tudo constituindo um cenário degenerativo nada apropriado para a comemoração dos nossos quinhentos anos de história.

O aprendizado, num sistema educacional que inclua o magistério dos valores éticos seria a grande saída para a grave crise moral que o país atravessa. Este aprendizado de caráter prioritariamente preventivo difundiria e acentuaria conceitos de honestidade, trabalho, apego à legalidade, respeito às minorias, às crianças e aos idosos, enfatizando ainda a necessidade de erradicar a violência e o crime.

Chegou a hora das escolas retomarem seu papel de trabalhar em função da vigência de bons padrões de moralidade pública e privada, neste cenário difícil de aguda decomposição social, responsável pelo crescimento das tensões na vida pública e opressora da possibilidade de uma convivência adequada.

Na constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, encontramos elementos que identificam questões morais e éticas e que asseguram esta tão complexa convivência.

Por exemplo, o artigo 1º traz, entre outros, como fundamentos da República Federativa do Brasil a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político. A idéia segundo a qual todo ser humano, sem distinção, merece tratamento digno corresponde a um valor moral. Segundo esse valor, a pergunta

de como agir perante os outros recebe uma resposta precisa: agir sempre de modo a respeitar a dignidade, sem humilhações ou discriminações em relação a sexo ou etnia. O pluralismo político, embora se refira a um nível específico (a política), também pressupõe um valor moral: os homens têm direito de ter suas opiniões, de expressá-las, de organizar-se em torno delas. Não se deve, portanto, obrigá-los a silenciar ou a esconder seus pontos de vista; vale dizer, são livres. E, naturalmente, esses dois fundamentos (e os outros) devem ser pensados em conjunto. No artigo 5º, vê-se que é um princípio constitucional o repúdio ao racismo, repúdio esse coerente com o valor da dignidade humana,

Devem ser abordados outros trechos da Constituição que remetem a questões morais. No artigo 3º, lê-se que constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil (entre outros): I) erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Não é difícil identificar valores morais em tais objetivos, que falam em justiça, igualdade, solidariedade, e sua coerência com os outros fundamentos apontados. No título II, artigo 5º, mais itens esclarecem as bases morais escolhidas pela sociedade brasileira: I) homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações; III) ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante; VI) é inviolável a liberdade de consciência e de crença; X) são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas.

Observamos em nossa constituição a tentativa do governo em modelar uma estrutura pública virtuosa, capaz de transmitir os melhores exemplos comportamentais ao setor privado e aos cidadãos em geral. Estamos vendo porém, que isso não se alcança pelo predomínio político e por legislação e decreto.

Cumpramos preparar o cidadão desde cedo para o respeito à lei e às regras que conduzam a uma convivência social ordenada e, de fato civilizada. Não basta conhecer os caminhos da matemática, da física, da química, das ciências humanas e exatas, da tecnologia, da informática, da cibernética. Esses

ingredientes do conhecimento e da informação querem uma mistura homogênea de consciência reta e responsável. Tão pouco o formalismo institucional e pleno exercício da liberdade bastam para completar a definição dos regimes legitimamente democráticos. Uma crise ética de grandes proporções pode abalar a democracia e até destruí-la em nações, como a nossa, que não a possuem como uma conquista consolidada.

Essa fragilidade e instabilidade institucional geram um grande conflito entre opiniões e interesses. O conflito entre pessoas é dimensão constitutiva da democracia. O diálogo é um dos principais instrumentos deste sistema. Dialogar pede capacidade de ouvir o outro e de se fazer entender. Devemos valorizar o diálogo como forma de esclarecer conflitos. A escola é um lugar privilegiado onde se pode ensinar esse valor e aprender a traduzi-lo em ações e atitudes, aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros.

Sem dúvida, essa aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora a educação não pode fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?

É de louvar a idéia de ensinar a não-violência na escola mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza, atualmente, a atividade

econômica no interior de cada país, e, sobretudo em nível internacional, tem tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De fato, esta competição resulta, atualmente, numa guerra econômica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres que divide as nações do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da idéia de emulação.

Que fazer para melhorar a situação? A experiência prova que, para reduzir o risco, não basta por em contato e em comunicação membros de grupos diferentes (através de escolas comuns e várias etnias ou religiões, por exemplo). Se no seu espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contato deste gênero pode, pelo contrário, agravar ainda mais as tensões latentes e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contato se fizer num contexto igualitário e se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até à amizade.

Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

## **Capítulo 2**

# Relato de Uma Experiência – A Escola

## 2.1 - FUNDAÇÃO

### ➤ Fonte de inspiração:

No ano de 1982 houve o lançamento do filme Gandhi de Richard Attenborough. Não conhecia o personagem, mas já havia ouvido estórias sobre a Índia e sua libertação do Império Britânico. Meu pai tinha o hábito de comentar todas as notícias dos telejornais.

Ao término da sessão conclui que a filosofia da não-violência era compatível com os princípios humanistas da educação.

Sempre me preocupei com a causa dos perseguidos, das minorias, dos marginalizados. Por exemplo, quando criança, houve uma época em que, num extremismo conceitual, não queria mais andar no quintal de casa para não matar os insetos ao pisá-los. Muito mais tarde aprendi que esta preocupação com todo ser vivo é própria do Jainismo, uma das religiões indianas baseada em quatro grandes princípios, a saber: não-violência (ahimsa), evitar a mentira, não se apropriar do que não foi dado e não se apegar às posses materiais.

Preferia brincar de escolinha com as crianças da vizinhança a brincar com bonecas. Quando tinha oito anos alfabetizei meu irmão (hoje professor Olimpio Rodrigues de Brito Filho, Pedagogo, Geógrafo e Psicanalista) quando ele tinha cinco anos de idade. Mais tarde, aos onze anos, também alfabetizei minha irmã (hoje professora Marisa Rodrigues Brito, Pedagoga e Administradora de Empresa), antes de ela entrar para na escola. Nesta idade já dava aulas particulares para alunos de séries mais avançadas que a minha.

Fomos criados em um lar em que todos liam muito, de gibis, jornais e revistas a enciclopédias muito comuns no período pré-internet.

Na escola em que estudei o que mais me incomodava era a discriminação. Fileira dos burros, castigos, ofensas verbais, privilégios, perseguições, falta de exemplo, enfim, uma educação pautada no medo, no autoritarismo, na injustiça. Este sistema educacional me causava uma profunda indignação e ao mesmo tempo um sentimento de impotência. Afinal, estávamos na época da ditadura militar. Em contrapartida, a qualificação dos professores, a qualidade das aulas e a conscientização política eram ímpares. Hoje vejo o quanto estes professores, nas entrelinhas, além dos conteúdos, nos passavam valores e idéias libertárias.

O “*bullying*”, nome moderno para uma prática sempre existente e tida como normal no ambiente escolar, é formado por uma tríade de personagens: a vítima, o agressor e a testemunha. Hoje sei que no período escolar fui a testemunha, na maioria das vezes. Testemunhei muita injustiça, arbitrariedade, protecionismo e perseguições.

Desde cedo transitei entre vários mundos diametralmente opostos. Dos casebres dos diversos profissionais que faziam parte da equipe do meu pai às casas com encanamento de ouro e garagens para acomodar uma coleção de carros importados. Cheguei a almoçar com o famoso paisagista Burle Marx em uma das fazendas de um primo do meu pai.

Outro ponto relevante na minha educação era a importância da argumentação exigida por meu pai. Para ir ao cinema, a uma festa, comprar algo, sair com uma amiga, era preciso convencê-lo a atender minhas necessidades e interesses. Sem o conhecimento formal da maiêutica socrática, ela se fez presente na minha formação. Várias perguntas eram feitas e as respostas tinham que ser firmes e determinadas. Era crime inafiançável responder “porque todo mundo vai”, “porque todo mundo tem”, “porque sim” ou “porque não”.

Minha mãe me alfabetizou usando palavras do nosso cotidiano, como por exemplo, o nome da marca da geladeira – “Clímax”. Pedagogicamente analisando, uma palavra difícil, com sílabas complexas, paroxítona acentuada

terminada em “x”, mas que dentro de um contexto fazia parte do meu cotidiano. Além dos brinquedos tradicionais, convivía com alguns instrumentos de trabalho de meu pai, que era empreiteiro de obras atuava na área da construção civil, como metro, prumo, esquadro, e ouvia sobre vários tipos de medidas, galão, metro cúbico, metro de areia, metro quadrado, litro, tonelada, proporção, equivalência. Este aprendizado incidental desenvolveu uma facilidade em disciplinas, como geometria e estatística.

Na década de setenta a escola pública era reconhecida como mais forte do que as escolas particulares, principalmente as da rede municipal de ensino na qual estudei da primeira à oitava série do Ensino Fundamental. Quando um aluno estava prestes a ser retido e sua família tinha condições financeiras de pagar uma mensalidade escolar, este era transferido para a escola particular que tinha a fama de “pagou, passou”.

Após terminar o Ensino Fundamental fui cursar o Magistério – de 1976 a 1980. Cumpria todas as atividades, fazia o dobro das horas de estágio, preparava seminários, peças, lia todos os livros indicados e recomendados. Afinal, queria ser uma excelente professora e me esforçava para isso.

No último semestre do quarto ano do Magistério comecei a trabalhar em uma Escola de Educação Infantil no bairro do Limão “Escola de Educação Infantil Girassol” para alunos de seis anos como professora alfabetizadora. Trabalhei dois anos e meio nesta Escola de Educação Infantil. Desenvolvi um ótimo trabalho com as crianças. Na minha visão eu estava fazendo o que era certo, ético, didático, mas esta não era a filosofia da escola que era pautada no capitalismo e no “marketing” educacional. No final do ano de 1982 eu e toda a equipe desta escola fomos dispensadas, pois os mantenedores iriam contratar uma nova equipe com salários menores.

➤ **A Fundação da Escola:**

Neste período reencontrei uma amiga de infância que estava descontente com sua vida profissional. Ela era de uma família de imigrantes japoneses e desde criança trabalhou no supermercado da família. Propôs abirmos uma escola. Ela entraria com o investimento e eu com a “experiência”.

Alugamos uma casa no mês de maio de 1983, compramos os móveis e aos dezenove anos tinha meu próprio negócio onde poderia aplicar tudo que havia aprendido e lido nos livros e que todos julgavam impossível de ser posto em prática. Também não iria cometer os erros que presenciei como aluna e mais tarde como professora. Iniciaríamos as aulas no segundo semestre, no mês de agosto.

Qual não foi minha surpresa quando minha amiga e sócia desistiu do negócio e voltou a trabalhar no supermercado a pedido dos irmãos. Estava com uma dívida que teria que pagar mensalmente no prazo de um ano e com a inauguração da escola marcada.

Meu pai não apoiou a abertura da escola. Tinha outros planos para os filhos, todos relacionados à continuidade de seus negócios. Deveríamos seguir carreiras como arquitetura ou engenharia civil. Optamos pela educação e mal sabíamos que nossa autonomia, independência, maturidade e vida adulta haviam chegado.

Tínhamos uma escola mobiliada, mas não tínhamos material para iniciar as aulas. Tivemos a primeira de muitas outras idéias originais que fariam com que nossa escola fosse única, criativa e alternativa. Fizemos convites para todos os nossos amigos para um inusitado “*School tea*” (fizemos uma paródia dos famosos “chás de cozinha”, “chás de bebês”...). Cada convidado deveria trazer um item, como por exemplo: uma caixa de lápis de cor, um pacote de sulfite, massinha de modelar, tinta, pincel. Havia ainda uma surpresa para os convidados: caso acertassem o nome que a escola teria ganhariam uma lembrança.

Queríamos dar o prêmio, mas as sugestões passavam longe. Iam de “Barquinho Encantado” a “Crianças do Futuro”. Depois de muitas dicas e pistas um amigo “acertou”. Qual não foi o espanto quando colocamos a placa com o nome: Escola de Educação Infantil Mahatma Gandhi – filosofia da não-violência.

As pessoas não acreditavam. Iniciamos as aulas e após um mês tínhamos oito alunos. Meu irmão passou a ser o meu novo sócio e administrava a escola e eu e minha irmã que estava cursando o Magistério éramos as professoras. Duas amigas se sensibilizaram com nossa situação e trabalharam voluntariamente meio período como auxiliares de classe neste primeiro e decisivo semestre.

Foi neste momento que tivemos nossa segunda grande e inusitada idéia. Queríamos trabalhar, precisávamos mostrar nosso trabalho de excelência, mas para isso tínhamos que ter alunos. Intuitivamente fizemos uso de uma estratégia usada no meio empresarial – “*dumping*” que é uma prática comercial que consiste em uma ou mais empresas de um país vender seus produtos por preços extraordinariamente abaixo de seu valor. No nosso caso foi a venda de serviços. O nosso objetivo não era quebrar a concorrência ou prejudicar outras escolas, até porque na época existiam pouquíssimas escolas particulares no bairro. Queríamos encher a escola de alunos e, se o valor fosse o empecilho, iríamos resolver o problema. Fomos os precursores do jargão “quer pagar quanto?”.

Os moradores do bairro comentavam que a escola deveria ser muito boa, pois estávamos com muitos alunos. Mal sabiam que a maioria tinha desconto ou eram bolsistas. A cada turma que formávamos na Educação Infantil os alunos se destacavam nas diversas escolas de Ensino Fundamental do bairro, pois eram cuidadosamente preparados com uma atenção personalizada. Nossa fama de boa escola foi se espalhando.

Nossa referência de qualidade de estudo era a que tínhamos tido na escola pública aliadas à filosofia da não-violência na educação.

## **2.2 – ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO**

### **➤ 1ª Etapa: Organização Pedagógica**

#### **A) Educação Infantil**

No segundo semestre da escola tivemos o privilégio de sermos procurados por duas psicólogas em busca de estágio – Eloise Chizzolini e Dulcinea Pastrello. Estavam se formando na Universidade de Mogi das Cruzes. Propusemos um trabalho que abrangesse os pais, os alunos e a equipe de professores. Elas nos apresentaram um material pedagógico de autoria de um de seus professores. Este material extraído do projeto de tese de doutorado em psicologia do professor Sérgio Antônio da Silva Leite, no ano de 1980 na Universidade de São Paulo: “IAR - Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para a Alfabetização” É um instrumento de avaliação das habilidades básicas pré-requisitos para leitura e escrita. Caracteriza-se por ser um instrumento planejado para fornecer um quadro descritivo do repertório do aluno que possibilita ao professor tomar medidas pedagógicas.

Construímos nosso Projeto Pedagógico pautado neste material excepcional, inovador e desconhecido da maioria dos educadores. Aplicávamos no início do ano aos alunos e obtínhamos um “Raio-X” dos pontos específicos que teriam que ser trabalhados individualmente. Aplicávamos o conteúdo básico a todos os alunos e simultaneamente reforçávamos em alguns os pontos previamente diagnosticados e observados no cotidiano.

Acreditávamos que no processo de alfabetização, a concepção teórica e a sua conseqüente metodologia é que iriam ajudar o aluno a construir sua aprendizagem, pois uma metodologia utilizada para favorecer a construção da aprendizagem exige que o professor conheça bem seus alunos, sua realidade e suas diversidades.

No final do ano o “IAR - Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para a Alfabetização” era novamente aplicado. Assim tínhamos como saber se os objetivos haviam sido alcançados, avaliar a didática, a metodologia

de ensino e aprimorar metas para o próximo ano. Fomos adaptando este material às nossas necessidades e criamos uma apostila de atividades que não fazia parte do material original. Usávamos várias fontes para montarmos as atividades escritas e a maioria era criada por nós.

O sucesso pedagógico da nossa escola foi inevitável, afinal, as escolas ainda se valiam das cartilhas como base para a alfabetização. Pela metodologia antiga os alunos eram preparados para serem obedientes incondicionalmente, subservientes, reprodutores de aprendizados decorados e distantes de suas reais necessidades e realidade. Era uma mistura de Metodologia Tradicional com Tecnicismo.

Desde o início tínhamos nossos parâmetros definidos na “Abordagem Metodológica Humanista” e nos baseávamos nos pedagogos, psicólogos, filósofos e outros teóricos correlatos.

Não se enfatiza técnica ou método para facilitar a aprendizagem. Cada educador eficiente deve elaborar a sua forma de facilitar a aprendizagem no que se refere ao que ocorre em sala de aula. A ênfase é atribuída à relação pedagógica, a um clima favorável, ao desenvolvimento das pessoas, que possibilite liberdade para aprender. (MIZUKAMI, 1986, p. 107).

Logo após a abertura da nossa escola ganhei o livro “Esta Noite a Liberdade” de Dominique Lapierre e Larry Collins (1976). Trata-se de uma investigação jornalística bastante extensa que se tornou um excelente romance histórico sobre os acontecimentos que resultaram na independência da Índia e do Paquistão em 1947. Agregamos à Filosofia da Não-Violência o conceito da Desobediência Civil às Leis Injustas. Gandhi se inspirou em Henry David Thoreau (2001) no seu livro “Walden – A Vida nos Bosques” e na década de sessenta, Martin Luther King Jr. se inspirou em Gandhi. Podemos afirmar que sem Martin Luther King Jr. os Estados Unidos não teriam hoje o primeiro presidente negro de sua história.

Estes princípios acompanharam a escola durante as quase três décadas de existência. Nossa filosofia era embasada nos valores universais: na ética, nos direitos humanos e no repúdio veemente a toda forma de discriminação e violência. Todos estes conceitos aliados a uma educação de excelência. Estes princípios eram distribuídos em todos os conteúdos programáticos, porém, dentro do planejamento, havia a Aula de Reflexão, para a Educação Infantil e Fundamental I e Aula de Ética, para o Ensino Fundamental II onde eram abordados de forma mais direta todos estes valores.

Para facilitar e diversificar o aprendizado tínhamos vários materiais e brinquedos pedagógicos. Houve uma época que os representantes nem passavam na escola, pois já possuíamos todos os itens dos catálogos. Elaborávamos com toda a equipe o planejamento anual, semestral, bimestral, mensal, semanal e diário. E tudo funcionava muito bem.

Na parte prática, o livro “Atividades na Pré-Escola” de Idalina Ladeira Ferreira (1999), serviu de referência na utilização de sucatas e na construção de vários objetos, bem como a música sempre esteve presente em todos os momentos e contar uma estória diariamente era imprescindível.

Os nossos professores eram incentivados a valorizar e utilizar a diversificação de materiais facilitadores do aprendizado: livros, jogos, brinquedos, vídeos, CDs, e não resumirem o momento de aprendizagem somente à sala de aula.

A transição de Educação Infantil para Ensino Fundamental começou a ser estruturada com o ingresso de uma nova sócia em 1995: a professora Isabel Cristina Colsato (graduada em Matemática com Licenciatura plena).

## **B) Ensino Fundamental I**

Após quinze anos de existência e já na terceira unidade tivemos coragem de abrir o Fundamental I. Iniciamos uma série por ano mantendo o

número máximo de quatorze alunos por sala. Como nesta época tínhamos uma equipe consolidada na Educação Infantil, voltamos para a sala de aula. O tratamento continuou sendo artesanal. Contratamos mais professores e dividimos a primeira turma em três áreas para coordenarmos e acompanharmos de perto. Eu fiquei com Português e Ética, a professora Marisa com Ciências e Arte, a professora Isabel com Matemática e o professor Olimpio com Geografia e História. Educação Física era atribuída a um professor específico.

Notamos que tínhamos uma nova faixa etária para compreender. Não podíamos perder nossa filosofia educacional e apesar dos conteúdos engessados nos materiais apostilados ou nos livros didáticos, incluíamos noções de ética e cidadania, respeito às diferenças, preservação do planeta e a possibilidade da resolução pacífica dos conflitos em materiais criados pela nossa equipe. Utilizávamos as brincadeiras resgatadas da nossa infância (como queimada, pega-pega, corda, amarelinha, passa-anel, passa-passa três vezes, roda e muitas outras) para reforçar diversos conceitos ao explicar a importância das regras de convivência, a importância do competir, o saber perder e ganhar e a solidariedade com os que não tinham um ótimo desempenho.

Os momentos de brincadeiras livres eram preciosos, pois observávamos como os alunos se relacionavam com os amigos, como reagiam ao ganhar ou perder, se emprestavam ou trocavam brinquedos ou se preferiam ficar sozinhos. A interferência dos professores só acontecia caso fosse extremamente necessário. As observações destes momentos de interação entre os alunos eram levadas nas reuniões semanais com a coordenação e estratégias eram traçadas para a resolução das questões.

Como nossas turmas eram pequenas, os conteúdos podiam ser introduzidos, fixados ou reforçados de maneira lúdica.

## **C) Ensino Fundamental II**

O século XXI nos trouxe a primeira turma de Fundamental II. Também abrimos uma turma por ano mantendo o número máximo de quatorze alunos por sala. Que desafio! Para não perdermos a qualidade de ensino, nossa marca registrada novamente, o professor Olimpio assumiu as aulas de Geografia, a professora Isabel as de Matemática (ambos formados e habilitados nessas áreas). Eu continuei com as aulas de Ética.

A contratação de professores foi uma consequência natural. O perfil adequado era de profissionais idealistas, pró-ativos, competentes, que apreciassem trabalhar com autonomia e possuíssem um caráter ético. Contávamos com uma psicóloga para nos auxiliar nas contratações.

Fomos surpreendidos com professores que sonhavam em lecionar em nossa escola. Eram amigos ou pais de alunos que trabalhavam nas melhores escolas particulares de classe média alta de São Paulo, porém se realizavam como educadores com nossos alunos. Tínhamos no rol de professores, mestres e até doutores formados em universidades públicas que desenvolviam um trabalho educacional excepcional.

Desde o início da escola, entre os nove tipos mais comuns de avaliar (prova objetiva, prova dissertativa, seminário, trabalho em grupo, debate, relatório individual, auto-avaliação, observação e conselho de classe), sempre privilegiamos a “Observação”.

- ✓ **Definição:** analisar o desempenho do aluno em fatos do cotidiano escolar ou em situações planejadas.
- ✓ **Função:** seguir o desenvolvimento do aluno e ter informações sobre as áreas afetivas, cognitivas e psicomotoras.
- ✓ **Vantagens:** Perceber como o aluno constrói o conhecimento, seguindo de perto todos os passos desse processo.
- ✓ **Atenção:** fazer anotações no momento em que ocorre o fato; evitar generalizações e julgamentos subjetivos; considerar somente os dados fundamentais no processo de aprendizagem.

- ✓ **Planejamento:** elaborar uma ficha organizada, prevendo atitudes, habilidades e competências que serão observadas. Isso auxilia na percepção global da turma e na interpretação dos dados.
- ✓ **Análise:** comparar as anotações do início do ano com os dados mais recentes para perceber o que o aluno já realiza com autonomia e o que ainda precisa de acompanhamento.
- ✓ **Como utilizar as informações:** esse instrumento serve como uma lupa sobre o processo de desenvolvimento do aluno e permite a elaboração de intervenções específicas para cada caso.

Através das Reuniões de Pais e Mestres a filosofia da escola e o método de avaliação eram constantemente difundidos. Os pais, alunos, professores e demais professores envolvidos no processo educativo apoiavam, assimilavam e acreditavam na metodologia da escola.

Com o tempo mais contratações foram necessárias. Nos períodos de concurso público, perdíamos professores preciosos que optavam por ter uma carreira como funcionário público. As reposições profissionais ficavam cada vez mais difíceis. Notamos que com o tempo ocorreu um aumento do número de currículos recebidos acompanhado da queda na qualidade da formação do professor.

Como a maioria dos professores de Fundamental II leciona em mais de uma escola e não comparecem todos os dias na escola, temos como consequência que eles acabam não distinguindo satisfatoriamente a mudança de ambiente escolar em um curto intervalo de tempo, com suas diferenças e particularidades. Alguns trabalham num mesmo dia em uma escola particular, ou em outra escola pública municipal ou estadual e acabam não tendo tempo de se situar. Desta forma, inconscientemente adotam um comportamento impessoal. Devido à baixa remuneração e perdas salariais, muitos duplicam ou triplicam períodos de aulas em diferentes escolas. Esta sobrecarga se reflete em um estresse permanente e a perda de qualidade das aulas.

#### **D) Coordenação Pedagógica**

A professora Marisa sempre desenvolveu um trabalho irretocável como Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Formamos uma equipe de coordenação pedagógica. Os professores ganhavam uma complementação na formação através de “workshops” e reuniões semanais com a coordenação, e mensais, com a psicóloga. A fonoaudióloga orientava em como utilizar o instrumento mais precioso para o professor: a voz. Ensinava como colocar a voz nas aulas expositivas, contar histórias e cantar com os alunos sem prejudicar as cordas vocais.

Os professores aprendiam como conduzir uma reunião de pais, responder agendas, usar a lousa de maneira clara e compreensível, organizar e otimizar o tempo de forma a não ter que levar trabalho para casa. Destacávamos a importância de preservarem a saúde mental, o lazer, a vida familiar e pessoal.

Nas Reuniões de Pais e Mestres eram tratados assuntos de interesse geral. Qualquer questão ou assunto pessoal era tratado individualmente. Os pais eram orientados a agendar um horário com o profissional adequado para solucionar suas dúvidas. Não expúnhamos os alunos revelando comportamentos inadequados ou aproveitamento pedagógico abaixo da média. Assuntos financeiros eram conduzidos à administração.

O atendimento individual aos pais pelo professor, caso fosse necessário, era acompanhado da coordenadora pedagógica.

No Fundamental II, dentro de cada especialidade, propúnhamos e orientávamos os professores que ministrassem aulas mais atrativas, criativas, que atraíssem a atenção e interesse dos alunos. Não poupávamos recursos para que estes objetivos fossem alcançados, inclusive com passeios educativos, visitas a museus, exposições ou teatros. Com aulas planejadas e motivadoras pelos professores, os resultados eram positivos e conseqüentemente uma participação maior dos alunos nas aulas, interesse em cumprir as tarefas e melhor comportamento na sala.

Os livros, revistas e vídeos sobre temas educacionais para consultas estavam sempre disponíveis, contratávamos palestrantes e disponibilizávamos a psicóloga para orientar os professores em assuntos referentes às classes, aos alunos, problemas de aprendizagem, de indisciplina e também para terapia individual (neste caso o sigilo profissional seria preservado e não haveria custo nenhum para os professores).

Os professores tinham orientação sobre a filosofia da escola, a metodologia e as atitudes e comportamentos esperados e inaceitáveis, previstos inclusive no Regimento Escolar. Não poupávamos esforços em promover o aprimoramento pedagógico incentivando a participação em cursos e muitas vezes financiando os mesmos. Fizemos com toda a equipe de professores o curso “Vivendo Valores na Educação” na Associação Palas Athena<sup>1</sup>. Vários professores adquiriram o livro “Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a verdade” de Mahatma Gandhi (1999) e tiveram um contato maior com a filosofia da não-violência.

Promovíamos “cinema com pipoca e guaraná” só para os professores, almoços, idas ao cinema ou ao teatro visando um maior fortalecimento e entrosamento da equipe.

Desenvolvemos um hábito saudável: os professores não iam embora antes de passar por nossa sala para se despedirem. Este breve “até amanhã” às vezes era acompanhado com alguma observação sobre algum aluno ou classe, como por exemplo: “Percebi que certa aluna está meio tristonha”, ou “certo aluno está muito nervoso e impaciente”, “certa classe não está fazendo os trabalhos exigidos”, e assim por diante. Estas informações nos levavam a investigar de maneira discreta e verificar o que realmente estava acontecendo,

---

<sup>1</sup> A Palas Athena promove, agencia e incuba programas e projetos nas áreas de Educação, Saúde, Direitos Humanos, Meio Ambiente e Promoção Social, com a finalidade de aprimorar a convivência humana por meio da aproximação de culturas e articulação dos saberes. Fundada em 1972, é uma organização da sociedade civil e sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública por órgãos oficiais.

permitindo a chance de tomarmos providências antes que as situações saíssem do controle. Concluimos que a parceria com os professores é fundamental.

Com o passar dos anos constatamos que a formação docente está cada vez mais deficitária. Cabe às instituições educacionais primarem pela qualidade na formação destes profissionais essenciais e fundamentais para a construção de uma sociedade mais crítica e justa.

### **E) Orientação Educacional**

Eu sempre gostei de desempenhar o papel de Orientadora Educacional. Não me cansava atender pais e alunos diariamente, apesar dos conflitos e indisciplinas. Alguns eram agendados fora do horário das aulas. Desempenhava esta função em parceria com a psicóloga. Aliás, este era mais um diferencial da nossa escola.

Não usava levemente as punições previstas no Regimento Escolar em relação aos alunos: (advertência verbal, advertência escrita, suspensão de um a cinco dias). Os alunos eram incentivados a falar a verdade. Quando os conflitos surgiam, todos eram encaminhados para a minha sala. Ouvia com atenção a versão de cada um. Caso as contradições fossem muitas, era chamado mais alguém que ajudasse a esclarecer os fatos. Um fato concreto observado é que os alunos acabavam falando a verdade e com isto um acordo era feito. Se o evento não se repetisse, não haveria punições. O processo envolvia pedidos de desculpas, comprometimentos, apertos de mãos e abraços. Funcionava como um fórum onde a orientadora educacional agia como intercessora e conciliadora.

A experiência de vários anos da escola mostrou que o esforço compensava: estimulados a falar a verdade, os alunos encontravam campo fértil para se tornar adultos íntegros, honestos e responsáveis.

Outro aspecto importante: por conta da violência, os pais não deixam mais seus filhos andarem sozinhos ou freqüentar a casa dos amigos para fazer os trabalhos em grupo. A formação familiar hoje em dia é outra: há alunos que ficam sozinhos em casa; outros com a empregada ou com os avós; e a maioria dos pais trabalha o dia todo. Como não queríamos abrir mão dos trabalhos em grupo, cedemos a escola para a realização dos trabalhos.

Posteriormente expandiu-se este privilégio para os ensaios das peças teatrais, para os grupos de estudos que queriam se preparar para as provas e ainda para assistir novamente os filmes que usávamos para complementar os conteúdos das diversas disciplinas (“Gandhi”, “Tempos Modernos”, “Billy Elliot”, “Escritores da Liberdade”, “Amistad”, “A Corrente do Bem”, “A Revolução dos Bichos”, “O Diário de Anne Frank”, “A Vida é Bela”, “A Missão”, “Uma Força Mais Poderosa – Um século de conflitos não violentos”, “Dias que Abalaram o Mundo”, “Filosofia para o Dia a Dia”, documentários sobre Martin Luther King Jr, Mandela, entre muitos outros).

Havia outra atividade além destas citadas anteriormente, o dia do “cinema com pipoca e guaraná” para os alunos. A sala de vídeo era agendada pelos alunos previamente; eles escolhiam um filme, traziam pipoca e refrigerante e assistiam na escola. Obviamente o filme tinha que passar por uma aprovação, mas depois eles mesmos já sabiam quais filmes eram apropriados para o ambiente escolar. Todas estas atividades eram acompanhadas por um professor.

A biblioteca era um espaço de aprendizado e lazer e muitos alunos permaneciam na escola simplesmente para ler. Diziam que em casa o irmão menor atrapalhava, ou que se distraíam com o computador, ou ainda somente dormiam.

A presença maior dos alunos na escola facilitava o meu trabalho de orientadora educacional, pois o contato e entrosamento abriam maiores canais de comunicação e reforçava os elos de confiança.

## **F) Orientação Vocacional**

Após atendermos muitos adolescentes e jovens que não eram alunos da escola percebemos que a dificuldade na escolha de um determinado curso ou profissão era conseqüência de um desconhecimento de si mesmo. Os estudantes não sabiam do que realmente gostavam ou precisavam. Confundiam seus sonhos com os dos seus pais ou dos amigos. Eram influenciados pela mídia, modismos e consumismo.

Quando iniciamos o Fundamental II começamos a trabalhar com várias dinâmicas, que giravam em torno de três eixos: autoconhecimento, autocontrole e capacidade e vontade de trabalhar em equipe. Destacávamos que a ética voltou a ter um destaque relevante no perfil do profissional do século XXI. Não focávamos nas profissões, até porque a cada ano são criados novos cursos universitários e novas profissões inimagináveis anos atrás. Procurávamos facilitar a compreensão da identificação com as áreas de conhecimento: exatas, humanas e biológicas. Percebíamos alunos que teriam, caso as condições fossem favoráveis, uma carreira acadêmica de sucesso. Outros, porém, demonstravam habilidade e interesse em gerenciar seu próprio negócio. Havia aqueles que eram mais poéticos e criativos. O objetivo não era determinar qual profissão teriam no futuro através da aplicação de testes questionáveis e sim mostrar a diferença entre trabalho, subemprego, emprego, profissão e carreira. Pretendíamos despertar a curiosidade, levando-os a pesquisar, analisar, conversar com familiares e amigos que exerciam diferentes cargos e profissões. Os próprios alunos sugeriam os temas abordados: primeiro emprego, entrevista, processo seletivo, intercâmbio, auto-realização, sucesso financeiro. Descobriam se gostariam de trabalhar sozinhos ou em equipe, com pessoas ou com instrumentos, ao ar livre ou em locais fechados, com ou sem uniformes, com horários flexíveis ou não, perto ou longe de casa, com prazos, tarefas e metas, em outra cidade, outro estado ou fora do país.

A primeira bifurcação que teriam que enfrentar era após o término do Fundamental II: Ensino Médio básico ou técnico, escola pública ou particular,

“vestibulinhos” (IFSP – “Federal” ou ETECs <sup>2</sup>). Em seguida a preparação para o vestibular (Universidade Pública ou Privada). Após o ingresso e dependendo do curso, o estágio, a iniciação científica, trabalhar e estudar simultaneamente. Na pós-graduação teriam que escolher se fariam uma especialização, mestrado, doutorado no Brasil ou no exterior ou se entrariam direto no mercado de trabalho. Eventualmente convidávamos profissionais de diversas áreas para conversar com os alunos.

O início de cada encontro era reservado para a “notícia do dia”. Foi uma forma que encontramos para despertar o hábito de estarem informados constantemente, já que os processos seletivos atuais contêm questões da atualidade. Uns assistiam a telejornais, outros buscavam informações na internet, em jornais ou revistas e outros ouviam no rádio do carro a caminho da escola.

Os alunos eram incentivados a trazer notícias que acrescentassem conhecimento à classe, citando a fonte pesquisada e acrescentando um comentário pessoal sobre o assunto. Deveriam evitar fofocas de celebridades e noticiários policiais.

As aulas de Ética eram alternadas com as de Orientação Vocacional.

## ➤ **2ª Etapa: Administrativo e Financeiro**

Quando abrimos a escola não tínhamos como prioridade as noções de administração de uma empresa. Compramos vários livros: “O Empreendedor” de Ronald Degen (1989) “Negócio Próprio – Você Está Preparado?” de José Antonio Rosa (1992), entre outros.

A formação pedagógica complementar em Administração Escolar é fundamentada nos aspectos pedagógicos e nas estruturas e fundamentos das

---

<sup>2</sup> (IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo. ETEC – Escola Técnica Estadual do Centro Paula Souza).

leis que norteiam o Ensino Fundamental e Médio. O curso é voltado para alunos que pretendem assumir a direção de uma escola da rede pública ou particular onde não serão os mantenedores.

Procuramos orientação em instituições privadas como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa) e também na antiga “Delegacia de Ensino”. Enfrentamos diversos Planos Econômicos: O final do Terceiro Plano Nacional de Desenvolvimento (III PND) (1980/1985); Plano Cruzado (fevereiro/1986); Plano Bresser (julho/1987); Plano Verão (janeiro/1989); Plano Collor (março/1990) e Plano Real (junho/1993); e mudanças da moeda: Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro, Cruzeiro Real, Unidade Real de Valor (URV) e Real.

O professor Olimpio tinha formação técnica em Propaganda e Marketing. Sempre fomos criativos e pelo fato de lidarmos bem com imprevistos e improvisos, o planejamento administrativo era um ponto que dedicávamos o tempo necessário para a manutenção do negócio. Mesmo assim, no segundo ano de escola já havíamos quitado nossa dívida com a ex-sócia e adquirimos total autonomia financeira. A professora Marisa compensou este nosso ponto fraco fazendo um curso em Administração de Empresas.

Ironizando, hoje penso que montamos uma “Organização não governamental de Ensino Particular”, éramos os patrocinadores dos nossos sonhos altruístas. Optamos desde cedo pela “simplicidade voluntária”, por um estilo de vida sem ostentação e nunca fomos fisgados pelo consumismo, signos da classe média e status. Na verdade, vivíamos um tipo de Anarquia, confiávamos na convivência pacífica dos seres humanos, numa estrutura de autogestão. Valorizávamos a liberdade individual, a resistência às regras arbitrárias, aos regulamentos autoritários, hierarquias e recusávamos sermos manipulados.

Contratamos um contador que nos orientava nas situações específicas. Nunca deixamos de pagar os funcionários e professores, sempre mantínhamos a escola com a manutenção em dia e bem equipada. Vendíamos

um serviço, “educação sem violência”, “educação com qualidade”, que nunca foi muito bem entendido ou aceito. Em primeiro lugar, como senso geral, entendia-se o conceito de “violência” como somente as agressões físicas e o conceito de “qualidade” por uma equação custo benefício – maior número de atividades oferecidas pelo menor custo. Muitos pais também incentivavam e ainda incentivam o revide, o famoso “não levar desaforo para casa”. As agressões psicoemocionais eram tidas como comportamentos normais entre crianças e adolescente. Só depois das tragédias em escolas americanas e a divulgação pela mídia, o assunto “*bullying*” passou a ser encarado com seriedade e com conseqüências às vezes irreversíveis.

Um dos motivos da conivência das escolas com as violências ocorridas entre seus alunos é justamente o fator financeiro. O que fazer se o agressor é filho de um pai adimplente ou influente? A direção das escolas acaba refém da arrecadação financeira e tolerante com as violências cometidas cotidianamente. Aqueles que deveriam zelar pelo bem estar e integridade dos alunos acabam corrompendo os princípios básicos e contrariando os objetivos e prioridades inerentes ao ambiente escolar.

Em nosso ambiente escolar não havia nenhuma discriminação entre os alunos. Nossa comunidade escolar era formada por filhos de amigos e de professores, vizinhos, sobrinhos, afilhados, bolsistas, adimplentes, inadimplentes, alunos recém-conhecidos, que professavam várias ou nenhuma religião, pertencentes a várias etnias e padrões sócio-econômicos. Os direitos e deveres sempre foram iguais para todos.

Outra questão financeira encontrada na administração de muitos empresários da educação é a redução de custos na contratação do quadro docente, principalmente na Educação Infantil, área que requer a maior qualificação dos profissionais. A propaganda e captação de alunos eram baseadas na propaganda “boca a boca”. Não conseguimos, com os recursos disponíveis, transmitir a filosofia da escola através de anúncios em jornais e folhetos.

Chegamos a contratar uma Empresa de Consultoria de Marketing Escolar. Foi frustrante, pois eles não conseguiam traçar o perfil dos nossos clientes e muito menos entender nossa filosofia de ensino. Queriam implantar o modelo de qualidade total de empresas, bancos, laboratórios de análises clínicas na nossa escola. Muitas escolas aderiram a este modelo sem identidade e impessoal. Vivem perseguindo metas, contratam e premiam profissionais terceirizados para captação de alunos por telefone e responsabilizam os professores caso todos os alunos de sua classe não efetuem a matrícula para o ano seguinte.

Nossos pais não se resumiam a um determinado segmento social, econômico, nível de instrução ou região em que moravam. Bastava ao pai querer para o seu filho mais que uma mera transmissão de informações desconexas. Quem procurasse o bem estar do seu filho, a preservação da sua integridade, o aprender com alegria e prazer aliados à aquisição de conhecimentos agregados a uma formação pautada nos valores universais, se enquadraria no nosso perfil.

A inadimplência não era o maior dos nossos problemas. Aprendemos no decorrer dos anos que contratos, notas promissórias, advogados e empresas de cobranças, necessariamente não são eficazes no recebimento dos débitos. Nunca usamos esses recursos e deduzimos que o bom pagador independe do ano do carro, do tamanho da casa e do número de cartões de crédito e talões de cheque.

A relação com os pais, alunos e professores e funcionários era de total confiança. Em quase três décadas de existência nunca tivemos um processo trabalhista e nenhum de nossos professores sofreu algum tipo de processo administrativo.

Além do professor Olimpio que foi meu sócio todos estes anos, tivemos ocasionalmente outros sócios que compartilhavam a função administrativa da escola. Todos eram pais da escola que em determinado momento de suas vidas profissionais resolveram investir em um negócio próprio e ao mesmo tempo ficar mais perto dos seus filhos.

Nesta questão administrativa quebramos dois tabus no ramo dos negócios: “trabalhar com família não dá certo” e “sócios trazem mais dores de cabeça do que benefícios”. Nunca misturamos nossa vida em família com nossas responsabilidades na escola e após a dissolução das sociedades preservamos a amizade com todos os ex-sócios.

### ➤ **3ª Etapa: Espaço Físico**

Prestávamos muita assessoria para pessoas que queriam abrir escola. O espaço físico normalmente não era levado muito a sério. Geralmente vinham nos procurar já com o imóvel alugado ou comprado. Poucos conheciam as exigências e especificações necessárias para o funcionamento regularizado de uma instituição de ensino.

**Primeira unidade (1983-1990).** Era uma casa térrea que acomodava as quatro séries da Educação Infantil. Havia o espaço para os brinquedos de parque e uma área livre para as brincadeiras. Quando o espaço começou a ficar pequeno mostramos interesse na casa ao lado que pertencia ao mesmo proprietário. Acompanhámos a reforma e compramos os móveis para a nova unidade. Infelizmente antes de fecharmos o contrato com o segundo imóvel o proprietário faleceu. Iniciou-se o inventário e acabamos procurando um imóvel maior.

**Segunda unidade (1990-1998).** Era um sobrado com três dormitórios, uma sala com trinta e cinco metros quadrados um belo quintal e uma edícula. A garagem comportava cinco carros e servia de almoxarifado. Não poupamos esforços para decorar a nova unidade. Era tudo tão novo e bonito que várias mães alugavam a escola para realizar a festa de aniversário de seus filhos. Novamente o espaço ficou pequeno e como queríamos abrir o Ensino Fundamental I precisávamos de algumas reformas no imóvel que não foram aprovadas pela proprietária.

**Terceira unidade (1998-2001).** A mãe e tia da professora Isabel moravam em duas casas imensas em um mesmo terreno. Alugamos dois apartamentos para elas e transformamos o imóvel em um verdadeiro canteiro de obras. Adequamos o espaço às exigências da comissão de supervisores escolares designados pela Diretoria de Ensino. Agora tínhamos biblioteca, refeitório, espaço de recreação para a Educação Infantil separado dos alunos do Ensino Fundamental e até uma mini quadra. Decidimos alugar outro imóvel só para os alunos maiores. Achamos uma casa enorme e mais uma vez interferimos na reforma e adequação do imóvel. No dia em que iríamos assinar o contrato de locação o proprietário desistiu de fechar o negócio conosco, pois havia recebido uma proposta maior de uma empresa estatal.

**Quarta unidade (2001-2010)** – Agora “Colégio Gandhi”. Saímos para procurar outro imóvel. Encontramos um prédio extremamente adequado com três andares. Era perfeito para tudo que sempre quisemos ter. Existe um grande problema cada vez que uma escola quer mudar de endereço: enquanto não for aprovado pelos supervisores escolares não podemos fazer a mudança. Detalhe: o novo imóvel tem que estar mobiliado e equipado para a vistoria. Enquanto isso a outra escola continua funcionando normalmente, mobiliada e equipada no outro imóvel que em breve será desocupado.

Na primeira visita, o imóvel não foi aprovado. O imóvel era adequado, com piso de granito, massa corrida nas paredes, pintura com tinta acrílica lavável, persiana em todas as janelas, grades e portões nos locais estratégicos. Tínhamos onze banheiros, guarita para o vigia, cantina, biblioteca, sala de ballet, brinquedoteca, sala de vídeo, pátio coberto, área descoberta. Pelo fato de, nesta época, eu já ter a formação em Supervisão Escolar, todas as medidas de segurança haviam sido providenciadas. O empecilho foi o sentido de abertura de um dos portões. Também sugeriram que invertêssemos a sala de ballet com a brinquedoteca.

Alteramos a planta com as novas especificações e protocolamos a documentação novamente. A segunda vistoria aconteceu no dia onze de setembro de 2001 – dia do ataque terrorista aos Estados Unidos, uma data

histórica para o mundo e para nós também. Enfim conseguimos a autorização e nos mudamos no feriado prolongado de doze de outubro do mesmo ano.

### **2.3 - CONSOLIDAÇÃO**

Além do bom trabalho pedagógico, éramos reconhecidos e procurados por não recusar nenhum tipo de aluno. Inclusive os que haviam sido “desenganados” em outras escolas e tidos como “casos perdidos”, que “não tinham mais jeito”. Recebíamos mães em prantos, de alunos que haviam sido diagnosticados por diretoras e professoras como sendo autistas, portadores de déficit de aprendizagem, hiperativos, ou meramente “com problemas”. Sabemos que um diagnóstico só pode ser feito por profissionais especializados, muitas vezes por uma equipe e, em muitos casos, nem é possível chegar a uma conclusão objetiva. Recebíamos estes alunos e começávamos a observação. Simultaneamente o aluno era atendido pela fonoaudióloga, pela psicóloga e por uma pedagoga. A psicóloga convocava os pais para obter maiores informações que pudessem facilitar a identificação da inadequação do aluno na escola anterior. Alguns casos exigiam encaminhamento e acompanhamento de outros profissionais para descartarmos quaisquer questões clínicas. Muitas vezes uma miopia, falha no processamento auditivo ou uma anemia, não percebidos anteriormente, eram a causa do mau aproveitamento em sala de aula. Em outros casos havia realmente algum comprometimento mental. Recebíamos instruções dos especialistas, mantínhamos contato constante por telefone, os pais continuavam com as consultas, terapias e acompanhamentos necessários, os professores recebiam toda a orientação pertinente e este aluno outrora desenganoado, era incluído na sala de aula e se desenvolvia dentro das suas possibilidades e limitações com progressos surpreendentes.

Às vezes uma investigação pedagógica revelava que os alunos não acompanhavam as atividades simplesmente porque não tinham tido os conteúdos anteriores necessários para a compreensão da questão exigida. Os motivos eram variados: em alguns casos o conteúdo não havia realmente sido

desenvolvido, em outros, o aluno solicitava ao professor para explicar novamente e este o fazia exatamente da mesma forma (que havia sido incompreendida - “já expliquei dez vezes e ele não entende”). Neste caso, em nossa escola, um de nossos professores explicava o conteúdo em questão de outra maneira e ouvíamos com espanto o aluno dizer: “Ah! É assim?”. Com a dificuldade detectada, fazíamos um plano para recuperar o tempo e os conteúdos perdidos e finalmente tudo se encaixava.

Os casos mais freqüentes eram o que chamávamos de “ovelhinhas machucadas”. Alunos feridos física ou emocionalmente, que haviam sido vítimas de humilhações por parte dos colegas ou dos próprios professores. Chegavam com a auto-estima baixíssima. Alguns reagiam com apatia e outros reproduziam a violência que haviam sofrido com agressividade. Os alunos, que já haviam passado pelo mesmo problema e que agora se sentiam felizes e adequados, gostando de ir para a escola, fazendo amizades, nos ajudavam na recepção do novo amigo. A psicóloga e os professores também faziam sua parte. Quando menos esperávamos, víamos aquele aluno integrado, brincando, sorrindo, e não querendo ir mais embora da escola.

Éramos o único colégio da região que mantinha um bom relacionamento com todas as outras escolas. Paradoxalmente os educadores de um modo geral não compõem uma classe unida. Quatro professoras que trabalharam conosco abriram suas próprias escolas inspiradas no nosso trabalho. Conversávamos frequentemente e compartilhávamos idéias, materiais pedagógicos, espaço para festas de maneira amigável. As demais diretoras ou mantenedoras conheciam direta ou indiretamente nossa seriedade e comprometimento, pois quando percebíamos que não poderíamos satisfazer as expectativas dos pais na hora da primeira informação indicávamos para as escolas que correspondiam ao perfil desejado por eles. Geralmente eram pais que priorizavam as instalações e o espaço físico em detrimento da proposta pedagógica ou filosofia da escola. Às vezes os pais queriam uma escola que tivesse o Ensino Médio. Recomendávamos a escola que mais se adequasse ao perfil desejado e quando indagados a respeito do porquê da escolha, os pais

acabavam comentando que haviam sido indicados por nós. Com o tempo também recebíamos alunos indicados por outras escolas, geralmente aqueles que eram considerados casos difíceis.

Nunca tivemos problemas com os vizinhos, moradores do entorno, ex-professores, ex-alunos, ex-sócios e fizemos muitas amizades durante nossa existência.

## **Capítulo 3**

### **O Fim**

### **3.1 – ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES**

Em todos os outros imóveis alugados para a escola, em determinado momento as renegociações eram necessárias.

Na época do Plano Sarney vivemos a contradição de termos as mensalidades escolares congeladas e os aluguéis seguindo com os reajustes normais. O impasse foi resolvido com novas medidas governamentais.

No segundo semestre de 2009 fomos procurados pelo advogado do proprietário comunicando que o imóvel seria colocado à venda. Interpretamos o fato como sendo uma proposta de revermos o valor do aluguel. O contrato já havia vencido e este procedimento era comum nas negociações imobiliárias. Propusemos um novo valor 30% acima do que estávamos pagando. Quando a proposta foi recusada percebemos que a situação era atípica.

Paralelamente às negociações começamos a procurar outro imóvel no bairro. Infelizmente não encontramos nenhum que fosse equivalente ao nosso espaço e que se adequasse às exigências da Diretoria de Ensino.

Em março de 2008 o prefeito Gilberto Kassab anunciou a criação da linha 6 do Metrô, de cor laranja, que ligaria a Freguesia do Ó (Zona Norte) ao Oratório, região da Vila Prudente (Zona Leste), conectadas à outras três linhas já existentes. Este fato desencadeou uma especulação imobiliária no bairro da Freguesia do Ó e o valor dos imóveis dispararam.

Passamos o final do semestre muito tenso. Viajamos com os formandos do nono ano, fizemos a formatura, festa de encerramento, vivenciando sentimentos antagônicos e conflitantes. Dentro dos planos futuros estávamos prevendo o início do Ensino Médio para o ano de dois mil e onze e os preparativos para a comemoração dos trinta anos do colégio em dois mil e treze.

Iniciamos o ano no dia onze de janeiro, com os funcionários da secretaria, limpeza e portaria. O início das aulas, inicialmente previstos para o

dia dezoito de fevereiro, foi adiado para o dia vinte e dois de fevereiro de dois mil e dez. As negociações continuaram. Ainda fizemos uma proposta na qual anteciparíamos uma anuidade de aluguéis já corrigidos no valor de sessenta mil reais.

Tendo em vista a impossibilidade da permanência no imóvel alugado, fizemos uma proposta de compra, pois estávamos nos preparando para a aquisição da sede própria. Propusemos quitar o valor (setecentos e cinquenta mil reais) em dois anos e para a nossa alegria a proposta foi aceita e comunicada por telefone.

Combinamos, também por telefone, de assinar o contrato no escritório do advogado e levar as garantias de compra na segunda-feira dia vinte e dois de fevereiro no final da tarde, pois seria o início das aulas.

Fomos surpreendidos com um e-mail recebido no dia vinte de fevereiro às dezoito horas. A proposta final para a permanência no imóvel havia mudado e era a seguinte: oitocentos e cinquenta mil reais, sendo a metade a vista (quatrocentos e vinte e cinco mil reais) e o restante em doze parcelas (trinta e cinco mil e quatrocentos reais mensais).

Neste momento estávamos reunidos na casa da minha irmã, professora Marisa. Vislumbramos todas as possibilidades de batalha judicial que poderíamos enfrentar orientados pelo advogado do colégio. Haveria a possibilidade, embora remota, de comprometermos o ano letivo dos alunos. Fizemos um balanço dos últimos vinte e sete anos trabalhando com dignidade. Estávamos desgastados emocionalmente, perplexos com a situação e tomamos uma das decisões mais difíceis das nossas vidas: o fechamento do colégio.

No mesmo dia comunicamos aos professores e funcionários. No dia seguinte ligamos para todos os pais de alunos explicando o encerramento das atividades.

Em uma semana providenciamos todos os certificados de transferências para que os alunos fossem matriculados em outras escolas;

fizemos o ressarcimento de todos os valores que haviam sido depositados na conta corrente do colégio (matrícula, mensalidades de janeiro e fevereiro). Devolvemos também o valor dos livros e uniformes já adquiridos, os quais não serviriam em outras escolas. Além disso, fizemos a rescisão dos professores e funcionários.

Comunicamos o fato à supervisora de ensino da Diretoria de Ensino e encaminhamos um ofício requisitando encerramento provisório das atividades. Dentro de dois anos, caso haja interesse, poderemos reabrir o colégio alterando somente o endereço. Durante este período ficaremos como guardiões de toda a documentação do colégio, alunos e professores.

O próximo passo foi providenciar a desocupação do imóvel. Não tínhamos noção de quanto material e mobília possuíamos. Estávamos tão confiantes com o sucesso das negociações que no final do ano trocamos todas as cortinas das salas de aula e adquirimos cem carteiras universitárias.

Outra vez trocamos vários e-mails com o advogado do proprietário do imóvel quanto à data da mudança. Precisávamos de pelo menos uma semana, e sabíamos que pela lei tínhamos este direito. Não foi aceito. Então reduzimos o prazo para dois finais de semana. Também foi negado. Em seguida propusemos os feriados prolongados de dois e vinte e um de abril. Outra recusa. Por fim nos deram o prazo final para o final de semana dos dias vinte e nove e trinta de maio. Durante todos estes meses o imóvel ficou fechado.

Foram necessárias dezesseis viagens de caminhão baú (pequeno) para transportar a mudança e acomodamos tudo em um galpão.

Os arquivos com as documentações foram para a casa da minha irmã, professora Marisa. O que estava no meu escritório veio para a minha casa – incluindo muitos livros.

Houve uma comoção geral. Recebi manifestação de solidariedade de outras escolas que também estavam passando dificuldades com a negociação de seus imóveis.

Ligamos para todas as escolas que receberam nossos alunos (mais de vinte escolas entre públicas e particulares) pedindo que os recepcionassem com carinho e atenção, pois estavam fragilizados. Aproveitava a oportunidade e indicava a nossa equipe de profissionais ressaltando as qualidades de cada um. Em pouco tempo todos estavam recolocados profissionalmente.

Fui pessoalmente às escolas entregar os Históricos Escolares, conhecer as diretoras e desfazer qualquer mal entendido.

Logo após a mudança, passei dois meses em Campos do Jordão trabalhando temporariamente. Minha irmã, professora Marisa, foi trabalhar na franquia da escola de idiomas Yazigi de propriedade do seu esposo. Meu irmão, o professor Olimpio, está lecionando Geografia e atendendo como psicanalista. Minha sócia, professora Isabel, montou um ateliê com sua filha que estuda Negócios da Moda e já está trabalhando como designer de jóias.

Para o próximo ano iniciarei o curso de Psicopedagogia na PUC. Profissionalmente pretendo atender alunos, como orientadora educacional e vocacional juntamente com meu irmão. Estamos decidindo o local. Gostaria também de lecionar para o curso de Magistério do Ensino Superior ou Pedagogia em alguma Universidade para poder compartilhar a experiência do Colégio Gandhi.

### ➤ **Aprendizado**

Posso afirmar de minha experiência como educadora, pedagoga - com habilitações em Administração Escolar, Orientação Educacional e Vocacional e Supervisão Escolar - que realmente foi lamentável uma escola com tantos princípios, que eram idealizados e se tornaram concretos, encerrou suas atividades por questões meramente comerciais. Provamos que é possível aplicar os ideais educacionais de uma proposta metodológica humanista e que a filosofia da não-violência de Mahatma Gandhi é compatível e aplicável na educação, independente do nível sócio-econômico, étnico, religioso e intelectual

de alunos e professores.

Nos parágrafos a seguir apresento o editorial da primeira edição do “Jornal do Gandhi” (janeiro/fevereiro-1984, ano 1, nº 1) que reflete os ideais iniciais e que foram concretizados no decorrer dos 27 anos de existência de um projeto verdadeiramente eficaz e que traz a felicidade a todos que dele participaram:

Conta-se que um dia um semeador saiu a semear a sua semente, e quando semeava, caiu alguma junto do caminho, foi pisada e as aves do céu a comeram;

E outra caiu sobre pedra, e nascida, secou-se, pois que não tinha umidade;

E outra caiu entre espinhos, e crescendo com ela, os espinhos a sufocaram;

E outra caiu em boa terra e, nascida, produziu fruto, a cento por um. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

GANDHI, indiscutivelmente, é uma semente, e não podemos julgar seus frutos por que ainda são quase inexistentes. A humanidade demora para assimilar certas experiências, sempre foi assim, e nada indica que possa ser de outra maneira.

Não pretendemos que a simples revelação intelectual de um novo caminho nos faculte para percorrê-lo, seria necessário incorruptibilidade, fidelidade à Verdade – ainda que esta ponha em xeque nossos interesses particulares, fortaleza moral e espiritual, direção clara e objetiva, fraternidade e necessária amplitude para compreender que toda semente tem um “tempo” para dar seus frutos.

Saibamos que o que diferencia um gênio de um homem comum é que o primeiro, talvez, tenha os mesmos defeitos que o segundo, mas suas virtudes e atos são tão peculiares e distintos que emerge da mediocridade constituindo-se em faro não só para os contemporâneos, como também para gerações vindouras.

E não é farejando a vida de um Gandhi em busca de incoerências que impediremos a irradiação da luz de uma existência consagrada integralmente à NÃO-VIOLÊNCIA.

Senhores ! Estamos ante um gigante, não temamos suas fraquezas; e serve de consolo a esse nosso anseio de perfeição absoluta, lembremos: no Sol também há manchas! (DISKIN<sup>3</sup>, 1982 *apud* BRITO, 1984, p.1).

---

<sup>3</sup> Co-fundadora da Associação Palas Athena, membro do Colegiado das Escolas de Paz da UNESCO. Texto extraído do “*folder*” distribuído no dia em que assisti ao filme “Gandhi” - 1982.

“Se fosse fácil, todo mundo faria. Se fosse impossível, ninguém conseguiria” (BRITO, 2010).

### **3.2 – NOVOS PROJETOS**

#### **➤ Projeto Gandhinho de Cidadania**

Nosso trabalho ao longo destes anos foi compilado num projeto que visava à disseminação da eficácia da nossa filosofia e proposta pedagógica. Durante esses anos procuramos parcerias institucionais e patrocinadores para implantarmos nosso projeto educacional na sua integridade para alcançarmos um número maior de alunos.

Temos a presidente do Centro Cultural Grupo Silvio Santos – Cintia Abravanel como madrinha do Projeto Gandhinho, todo suporte filosófico da Associação Palas Athena (qualquer publicação da editora Palas Athena que considerássemos pertinente era doada para a biblioteca da escola).

Finalmente em novembro de 2009 recebemos a visita do Cônsul Geral da Índia que após o conhecimento do Projeto, pediu para que o mesmo fosse traduzido para o inglês para ser encaminhado para o Governo Geral da Índia. O Cônsul reconheceu o ineditismo e pioneirismo em adaptarmos a filosofia da Não-Violência de Mahatma Gandhi para crianças e adolescentes.

#### **A) Justificativa**

O século que acaba de findar, em que pesem os avanços em vários ramos do saber, foi marcado, infelizmente, por uma crescente onda de violência. Através de diversos indicadores de pesquisa verificamos que o nosso bairro, a nossa cidade, o nosso estado, o nosso país, e de resto em todo o planeta, a sociedade contemporânea viu cair por terra muitos valores – como a solidariedade, o respeito, a tolerância, mesmo não sendo de forma generalizada.

Nosso país foi classificado como o terceiro em desigualdade social.

O Brasil tem o terceiro pior índice de desigualdade no mundo e, apesar do aumento dos gastos sociais nos últimos dez anos, apresenta uma baixa mobilidade social e educacional entre gerações. Os dados estão no primeiro relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) sobre América Latina e Caribe (COLON, L., O Estado de São Paulo, 2010).

Nossas instituições estão corrompidas. A Justiça, desacreditada e a impunidade uma constância.

Mais do que nunca há um clamor por mudanças, mesmo que ele não se faça audível. Para onde caminhamos, se não houver uma reversão da intolerância e violência instaladas em nosso cotidiano? Não podemos simplesmente fechar os olhos e seguir submissos rumo à barbárie.

Vivemos numa sociedade onde somente os que assumem o risco de acreditarem em seus sonhos conseguem transformá-los em realidade. O líder pacifista **Mahatma Gandhi** serve como exemplo de perseverança e de luta na conquista de um mundo melhor. Acreditamos que a felicidade é um dom que deve ser compartilhado por todos e nela encerra nossa missão. Ao promovermos ações que diminuem efetivamente a distância entre as pessoas e a realização de seus sonhos cremos estar contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e conseqüentemente mais feliz.

- **O Projeto Gandhinho de Cidadania** é divulgado, entre outras ações, através de livros de bolso elaborados a partir de redações e relatos dos alunos do Colégio Gandhi. 1º edição: “Receita para ler receita” – abordando o tema sobre o analfabetismo, 2º edição: “Ética, o caminho mais curto para a paz”, sobre o individualismo, o consumismo e a competição desenfreada<sup>4</sup>. As histórias seriam gravadas em CD's e publicadas versões em Braille que seriam distribuídas para alunos com deficiência visual.

---

<sup>4</sup> A pedido do Cônsul Geral da Índia Jeitendra Tripathi este projeto será traduzido para o inglês e encaminhado pelo consulado ao governo geral da Índia.

- **Campanha anti-bullying** – esclarecimento sobre o tema enfatizando como o Colégio Gandhi sempre repudiou veementemente atitudes discriminatórias. Capacitação para que os professores percebam, identifiquem e interfiram na prevenção destes comportamentos inadequados. (\*) “*Bullying*”: é um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotado por um ou mais indivíduos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.

- **Participação da “Semana Martin Luther King” e da “Semana Gandhi”** à convite da Associação Palas Athena, através de palestras, vídeos, atividades culturais, além de roteiros pertinentes ao tema abordados nos livros do Projeto Gandhinho.

## **B) Objetivos Gerais**

O projeto sugere comportamentos e atitudes cuja prática viabiliza relacionamentos inter pessoais, com o meio ambiente da qual somos parte.

- **respeitar a vida** – respeitar a vida e a dignidade de cada ser humano, sem discriminação nem preconceito.
- **rejeitar a violência** – praticar a não-violência ativa, rejeitando a diferença econômica e social, em particular contra os mais desprovidos e os mais vulneráveis, tais como crianças e adolescentes.
- **ser generoso** – compartilhar meu tempo e meus recursos materiais no cultivo da generosidade, e pôr um fim à exclusão, à injustiça e à opressão política e econômica.
- **ouvir para compreender** – defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre o diálogo, sem ceder ao fanatismo, à difamação e à rejeição.

- **preservar o planeta** – promover o consumo responsável e um modo de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida, e preservem o equilíbrio dos recursos naturais do planeta.
- **redescobrir a solidariedade** – contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, com a plena participação das mulheres e o respeito aos princípios democráticos, de modo a criarmos juntos novas formas de solidariedade.

### **C) Objetivos Específicos: Práticas de Não-Violência**

- Resolver conflitos de forma pacífica.
- Lembrar que o diálogo não pressupõe consenso,
- Ser gentil e valorizar o que há de melhor nos outros.
- Encontrar solução para o problema, sem atacar e humilhar o outro.
- Aceitar as diferenças. Perceber que todos somos importantes.
- Buscar amizade e entendimento.
- Reafirmar diariamente seu compromisso pessoal com a não-violência.

A Cultura de Paz é uma iniciativa de longo prazo que deve levar em conta os contextos históricos, político, econômico, social e cultural de cada ser humano. É necessário aprendê-la, desenvolvê-la e colocá-la em prática no dia-a-dia familiar, regional ou nacional. É um processo sem fim. “A paz não é um processo passivo a humanidade deve esforçar-se por ela, promovê-la e administrá-la.

## D) Conteúdo

**TEMAS TRANSVERSAIS:** este projeto oferece condições de serem trabalhados os seguintes temas transversais: Meio-Ambiente, Ética e Pluralidade Cultural.

- **ÉTICA E PLURALIDADE CULTURAL:** ética solidária: promoção da arte do convívio. Cidadania responsável: participação na gestão do bem comum e do espaço público;
- **CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE:** simplicidade voluntária: buscar evitar o supérfluo e o desperdício, fazer circular o estagnado, reciclar coisas e idéias, minimizar o consumo irresponsável.
- **PORTUGUÊS:** leitura e compreensão do texto: “A Casa Mundial” e do discurso “Eu tenho um sonho” de Martin Luther King Jr.
- **MATEMÁTICA:** reduzir, reutilizar, reciclar - quando o menos é mais.
- **HISTÓRIA E GEOGRAFIA:** estudo da biografia e contexto histórico, social, político e geográfico dos líderes pacifistas: Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr.
- **ARTE:** Danças circulares.
- **EDUCAÇÃO FÍSICA:** jogos cooperativos.
- **MATERIAL DE APOIO:** DVD, P.C.N. do tema, artigos de revistas e jornais, textos, apostilas, cartilhas, livros paradidáticos
- **COLABORADORES:** Palestrantes em diversas áreas.

## Considerações Finais

A ética precisa ser tornada clara, isto é, ser bem conhecida para ser posta em prática de modo eficaz.

Como já foi feito em relação à ecologia e à ciência, temos que buscar no campo da ética uma iniciativa na qual o acolhimento possa ser reconhecido, inserido e ampliado. Há várias delas. Uma, em especial, é considerada um dos documentos mais importantes do fim do século XX: a Declaração Universal das Responsabilidades Humanas. Aqui destaco os pontos que estreitamente se relacionam com esta pesquisa:

### ➤ **Princípios fundamentais para a humanidade**

**Artigo 1º.** Toda pessoa, independentemente de gênero, origem étnica, status social, opinião política, língua, idade, nacionalidade ou religião, tem a responsabilidade de tratar todas as pessoas de maneira humana.

**Artigo 2º.** Ninguém deve apoiar nenhuma forma de comportamento desumano, mas todos têm a responsabilidade de lutar pela liberdade e pela auto-estima de todos os demais.

**Artigo 4º.** Todas as pessoas, dotadas de razão e consciência, devem aceitar a responsabilidade para com todos, para com as famílias e comunidades, para com as raças, nações religiões, num espírito de solidariedade: não faças aos outros o que não queres que façam a ti.

**Artigo 12º.** Todos têm a responsabilidade de falar e agir com sinceridade. Ninguém, por mais superior ou poderoso que seja, deve mentir. O direito à privacidade e ao sigilo pessoal deve ser respeitado. Ninguém é obrigado a dizer toda a verdade a todas as pessoas o tempo todo.

**Artigo 13º.** Nenhum político, funcionário público, dirigente da economia, cientista, escritor ou artista está isento dos padrões éticos gerais, tampouco o estão os médicos, advogados e outros profissionais que têm deveres especiais para com os clientes. Códigos profissionais e outros códigos de ética devem refletir a prioridade de padrões gerais como a sinceridade e a equidade.

“O fim está nos meios, como a árvore na semente”, é uma frase que Gandhi costumava repetir e que viria a ter uma profunda repercussão social e educativa na história do pensamento não-violento. A não violência se propõe como a forma de lutar contra a injustiça, sem que esta luta implique dano à pessoa ou ao grupo que apóia tal injustiça. Junto a este grande princípio, podemos ressaltar dois outros: a insistência em formar pessoas autônomas, como primeira condição para serem livres, e a necessidade de rebelar-se ou da desobediência ante situações de injustiça. Sobre este último, ao analisar sob a perspectiva da não-violência tantas situações de dominação e opressão ao longo da história da humanidade, exercidas habitualmente por grupos minoritários, conclui-se que somente são possíveis com a colaboração ou cumplicidade da maioria.

O sistema educacional, em particular, deve gerar um sistema cultural e de valores imune a qualquer apologia à violência.

Ao dialogar com os autores pretendi delinear uma alternativa à deterioração da convivência no ambiente escolar, enfatizando que o tipo de convivência dominante é o resultado de escolhas históricas e certas práticas socioeconômicas, políticas, culturais e educacionais, portanto, passível de mudança.

Mais do que nunca há um clamor por mudanças, mesmo que ele não se faça audível. Para onde caminhamos, se não houver uma reversão da intolerância e violência instaladas em nosso cotidiano? Não podemos

simplesmente fechar os olhos e seguir submissos rumo à barbárie. **Há que se construir uma cultura de paz!**

➤ **Uma experiência fora do colégio**

Após o fechamento do Colégio Gandhi, fui convidada para gerenciar um empório de produtos e bebidas importadas no Shopping Market Plaza na cidade de Campos do Jordão. A temporada de inverno nesta cidade compreende os meses de junho e julho. No primeiro mês o shopping abre somente de sexta-feira a domingo. A partir de julho o shopping abre de domingo a domingo. Era um mundo profissional totalmente diferente daquele que atuava há quase três décadas. Havia também as temperaturas abaixo de zero (em uma noite os termômetros indicavam cinco graus negativos).

O início foi muito difícil. Eram muitas as diferenças: ao invés de serviços, vendia produtos, trabalhava maquiada por profissionais e me vestia com casacos, botas, peles e chapéu. Atendia um público adulto das classes A e B.

Descobri um universo que não conhecia. Conheci a realidade de um Shopping Center por trás dos bastidores. Aprendi que existe uma variedade de profissionais nômades que trabalham temporariamente em eventos sazonais. Migram de lojas, cidades e até de estados. Profissionais que ficam confinados em hotéis, pousadas ou casas alugadas convivendo e trabalhando com pessoas que nunca viram. Sentia-me participante de um verdadeiro “*big brother*”. Meu local de trabalho ficava no subsolo do Shopping, junto à praça de alimentação. Não tinha luz natural e havia uma trilha sonora altíssima o tempo todo, além do burburinho dos clientes e do som das televisões de LCD ligadas diariamente em uma só estação (patrocinadora).

Não tínhamos idéia se do lado de fora estava chovendo ou fazendo sol, e perdíamos completamente a noção do tempo. Estes profissionais trabalham como “*freelancers*” e ao menor desentendimento mudam para outra

grife de luxo ou simplesmente abandonam o emprego. Com esta dificuldade de se formar uma equipe, chegávamos a trabalhar quatorze horas seguidas em pé, pois não tínhamos com quem revezar. Eu trabalhava com um “*sommelier*” e um vendedor.

Como convivíamos diariamente tantas horas juntos, fui conhecendo os profissionais das outras lojas do shopping. Eram, na grande maioria, muito jovens, estudantes que aproveitavam as férias para complementar a renda ou ganhar um salário extra.

Observei que os profissionais das outras lojas e quiosques sofriam muitas exigências: metas de vendas a serem alcançadas, uso de uniformes que não os protegiam do intenso frio, modelo de cabelos (algumas promotoras de venda tinham que trabalhar com tranças, outras não podiam ter cabelos com franja), e por trás de cada equipe havia um gerente supervisionando cada passo, cada gesto. As repreensões ocorriam diariamente.

Comecei a encontrar adolescentes, meninas, chorando no banheiro quase todos os dias. Eu conversava um pouco com elas, perguntava o nome, onde moravam (muitas eram de São José dos Campos, São José dos Pinhais ou Taubaté), e assim, com minha ajuda, elas iam se acalmando e permitindo sua volta ao trabalho.

Não passou muito tempo e descobri que todas as funções que desenvolvia no colégio podiam ser adaptadas ao meu novo trabalho. Administrava o empório de importados, fazia a lista de compras, negociava com as importadoras, repunha o estoque, calculava o custo para colocar o preço nos produtos, abria e fechava o caixa, fazia o pagamento dos empregados e também vendia produtos de mais de vinte países diferentes. Nos primeiros dias li todos os rótulos, decorei a origem de cada produto, como eram usados, com que prato eram servidos e qual vinho os acompanhava.

Como sempre lidei com pessoas, meu empório se tornou uma parada para as pessoas que queriam, às vezes, simplesmente serem ouvidas. Diziam

que o lugar era um relaxante para a alma. Todos estavam longe de suas casas, de seus familiares, namorados, maridos, enfim de suas referências.

Havia um posto médico dentro do shopping e conforme a temporada foi chegando ao fim, mais profissionais ficavam doentes. Doenças respiratórias, estresse, crises nervosas entre outras.

Um dia o médico veio comprar um licor para presentear a esposa e conversamos muito. No final ele me disse que eu era uma pessoa pacificadora.

Fiquei lisonjeada e percebi que os princípios da não-violência estão incorporados à minha existência, independente do local ou da função que eu possa vir a exercer.

## Referências

### Referências Bibliográficas

CASTANHO, S.; CASTANHO M. E. *Temas e textos em Metodologia do Ensino Superior*. Campinas: Papyrus, 2001.

COLON, L. Brasil é terceiro pior do mundo em desigualdade. *O Estado de São Paulo*, 24 jul. 2010. Clipping Planejamento, p.1.

DEGEN, R. *O Empreendedor*. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

FERREIRA, I. L. *Atividades na Pré-Escola*. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

GANDHI, M. *Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo: Palas Athena, 1999.

LAPIERRE, D.; COLLINS, L. *Esta noite a liberdade*. São Paulo: Difel / Difusão Editorial, 1976.

LEITE, S. A. S. *O Projeto de Alfabetização de Mogi das Cruzes*. 1980, 202 p. Tese de Doutorado em Psicologia (Psicologia Experimental). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: As abordagens do processo*. São Paulo: Editora EPU, 1986. (Temas Básicos da Educação e Ensino).

ROSA, J. A. *Negócio Próprio: Você Está Preparado?*. São Paulo: STS, 1992.

THOREAU, H. D. *Walden: ou A Vida nos Bosques*. 6. ed. São Paulo: Aquariana, 2001.

## Referência Eletrônica

CARTA DAS RESPONSABILIDADES HUMANAS. Princípios fundamentais para a humanidade. Viena, 1997. Disponível em: <http://www.carta-responsabilidades-humanas.net/spip.php?rubrique94>>. Acesso em: 11 fev. 2010.

## Bibliografia Geral

ALVES, R. *A Magia dos Gestos Poéticos: a sedução de Gandhi*. 6. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

BARA, A. *et al. Acolhimento: o pensar, o fazer, o viver*. Secretaria Municipal da Saúde. São Paulo: Palas Athena, 2002.

BOHM, D. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

CARVALHO, E. M. *O Pensamento Vivo de Gandhi*. 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 1985.

CORTELLA, M. S. *Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORTELLA, M. S.; LA TAYLLE, Y. *Nos labirintos da Moral*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2005.

DALLARI, D. A. *Direitos humanos e cidadania*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

DISKIN, L.; ROIZMAN, L. *Paz como se faz?: Semeando cultura de paz nas escolas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: Programa Educar para a Paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração. 12. ed. São Paulo: Vozes, 2000.
- GALTUNG, J. *O Caminho é a meta*: Gandhi hoje. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- GANDHI, M. *A roca e o calmo pensar*. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- GANDHI, M. K. *Gandhi e o cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- GANDHI, M. *Somos todos irmãos*: reflexões autobiográficas. São Paulo: Paulus, 1998.
- JARES, X. R. *Pedagogia da convivência*. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- MARTINEZ, M. *Mahatma Gandhi*. São Paulo: Salesiana, 2006.
- MONTEIRO, I. *O Pensamento Vivo de Martin Luther King*. São Paulo: Martin Claret, 1991.
- MULLER, J.-M. *Não-Violência na Educação*. São Paulo: Palas Athena, 2006.
- MULLER, J.-M. *O princípio da não-violência*: uma trajetória filosófica. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- PACHECO, J. *Sozinhos na Escola*. São Paulo: EDS, 2003.
- PEREIRA, S. M. S. *Bullying*: e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.
- ROHDEN, H. *Mahatma Gandhi*: O apóstolo da Não-Violência. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- VARMA, R. *Gandhi*: Poder, Parceria e Resistência. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- WHITMAN, C. *O Jovem Martin Luther King*. São Paulo: Nova Alexandria, 2004.



## Anexos

### ➤ Visita do Cônsul Geral da Índia



Figura A1. Visita Cônsul Geral da Índia, novembro/2010. Da esquerda para a direita: Jeitendra Tripathi (Cônsul), Elvira Rodrigues de Brito (Diretora), Marisa Rodrigues Brito (Coordenadora Pedagógica), Olimpiao Rodrigues de Brito Filho (Professor).